

TECENDO REFLEXÕES ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DECOLONIAL PARA A CONTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS

Ariane Malheiro da Silva ¹
Daniele de Barros Torquato ²

RESUMO

O presente artigo busca refletir como a pedagogia decolonial contribui para a construção de uma educação antirracista nas escolas. Tendo por objetivos específicos descrever os impactos causados pelo racismo no ambiente escolar, identificar os principais objetivos da pedagogia decolonial e apontar os desafios para a construção de uma educação antirracista nas escolas. Para atender as metas supracitadas foi utilizado metodologicamente a revisão bibliográfica e a abordagem qualitativa. Portanto, o referido trabalho foi desenvolvido a partir de conceitos epistemológicos de estudiosos das categorias analíticas, como Pereira (2001), Bernardo e Maciel (2008), Brym (2008), Ferreira (2018), Oliveira e Candau (2010), Almeida e Silva (2015), Guimarães (1995) e Lima (2005). Concluímos que a pedagogia decolonial contribui para a promoção de uma educação antirracista à medida que usa de práticas que exploram conhecimentos outros e valoriza a cultura de indivíduos que foram/são subalternizados.

Palavras-chave: Racismo no ambiente escolar. Pedagogia Decolonial. Educação Antirracista.

INTRODUÇÃO

Infelizmente o Brasil foi erguido sobre a escravização de indivíduos indígenas e africanos, essa barbárie mancha a história da humanidade com marcas de sangue, tanto de nativos como de afrodescendentes que foram submetidos a diversos tipos de violência e crueldade. Conquanto, os ataques a esses povos persistem, pois o racismo está intrínseco em nossa sociedade. Seu modo operante é organizado de maneira estrutural, portanto, essa problemática permeia instituições, discursos e ações.

Diante disso, entendemos que a noção de raça humana se configura como parte indutora desse processo; pois, foi uma teoria criada sem nenhum embasamento científico, apenas com o intuito de promover a inferiorização de grupos humanos não-

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
malheiro.ariane19@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
daniele.torquato@ufpe.br

européus, principalmente os negros e indígenas. Portanto, os sujeitos que não se encaixam dentro do padrão da supremacia branca, estão sujeitos a terem seus direitos desrespeitados, assim como sua liberdade cultural reprimida.

Trataremos neste estudo sobre os impactos causados pela colonialidade, isto é, pelo padrão de poder eurocêntrico herdado do colonialismo. Visto que, as relações coloniais acabam por desconsiderar saberes, processos culturais e também educativos, que não são produzidos a partir de uma perspectiva europeia. Segundo Ferreira (2018) dependendo das “marcas” que um indivíduo carrega consigo está sujeito a sofrer os males do racismo:

As marcas são desde os traços fenotípicos (como a quantidade de melanina na pele, por exemplo, que segundo os padrões instituídos, **quanto menos melanina, mais próxima dos padrões**) até às manifestações mais sutis da herança ancestral (como a religiosidade, por exemplo, expressa nos cultos de matriz africana que foram diabolizados pela lógica cristã-ocidentalizada). (FERREIRA, 2018, p. 100, grifo nosso)

Por ser formalizado, o racismo também é um problema frequente nas instituições escolares, desde na promoção de currículos tradicionais que tendem a negar as diferenças e reproduzir apenas os discursos e conhecimentos dos grupos hegemônicos, até atos de violência dentro do próprio corpo discente. Sob essa perspectiva, torna-se necessário que as escolas promovam “estratégias pedagógicas de valorização das diferenças: reforçar a luta antirracista e questionar as relações étnico-raciais baseadas em preconceitos e comportamentos discriminatórios” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 32).

Nesse sentido, iremos tecer reflexões especificamente sobre a pedagogia decolonial, a qual propõe a descolonização do saber, ser e poder, dando voz aos diferentes povos que foram/são subalternizados. Propomos com o presente trabalho, responder ao seguinte questionamento: De que forma a pedagogia decolonial contribui para a construção de uma educação antirracista nas escolas?

A pesquisa proposta por nós busca refletir como a pedagogia decolonial contribui para a construção de uma educação antirracista nas escolas. Para cumprir com o objetivo supracitado, traçamos os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever os impactos causados pelo racismo no ambiente escolar.
2. Identificar os principais objetivos da pedagogia decolonial.
3. Apontar os desafios para a construção de uma educação antirracista nas escolas.

METODOLOGIA

Compreendemos pesquisa tal como conceitua (DESLANDES et al., 2007, p. 16) “a atividade básica da ciência na sua construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação”. A pesquisa é uma atividade necessária para o ensino, ela surge de uma questão problema e nas Ciências sociais pode ser de abordagem qualitativa ou quantitativa.

No presente artigo utilizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico. A pesquisa qualitativa trata de fenômenos da realidade, os quais não são quantificáveis, contempla desse modo, o universo dos significados como ressalta Deslandes et al. (2007):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (DESLANDES et al., 2007, p. 21)

Assim, é possível discorrer sobre assuntos da realidade social interpretando seus significados, considerando os contextos e valores. Para a coleta de dados utilizamos materiais já elaborados como livros e artigos. Desse modo, nossa pesquisa é bibliográfica; pois, será “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

Dentre os autores que utilizamos nesse artigo estão Deslandes et al. (2007) e Gil (2002) para a metodologia da pesquisa. Pereira (2001) Bernardo e Maciel (2008) e Brym (2008) para a categoria racismo no ambiente escolar. Ferreira (2018), Oliveira e Candau (2010), Almeida e Silva (2015) para categoria Pedagogia Decolonial. E Guimarães (1995) e Lima (2005) para discorrer sobre a Educação Antirracista.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Racismo no Ambiente Escolar

O conceito de raça humana fundamentado por estudiosos como o Dr. Samuel George Morton e o filósofo Joseph Arthur de Gobineau, representou durante muitos anos uma hierarquia social pautada nas características físicas dos indivíduos. Dessa

forma, era sugerido por eles que as diferenças biológicas indicariam uma certa superioridade dos brancos em detrimento dos negros. É importante destacar, que essas ideias racistas deixaram profundas marcas na história da humanidade. Pois,

[...] acabaram por possibilitar a justificação das desigualdades sociais em termos de supostas raízes naturais e biológicas. Escravidão, colonização, programas de migração que restringiam ou excluíaam determinados grupos raciais e étnicos, programas médicos de “depuração racial” e até mesmo o genocídio acabaram por ser justificados a partir dessas idéias.”. (BRYM, 2008, p. 215)

Sob essa perspectiva, o “racismo deve ser entendido como um complexo de ideias, atitudes e ações sociais centradas em alegadas diferenças biológicas dos indivíduos em interação social” (PEREIRA, 2001, p. 173). Isto é, ideias, atitudes e ações que consideram uma diferença biológica como ponto de partida para não se relacionar, desconsiderando o diferente e dando preferência a um padrão. Ainda segundo esse autor o racismo ocorre das seguintes formas:

[...] desde predisposição psicológica para a ação social, que são atitudes e opiniões desfavoráveis em relação ao “outro” racial (preconceito), que poderão ou não ser verbalizadas, passa pela ação ou comportamento social real que cerceia ou mesmo impede o “outro” de ampliar seus espaços sociais (discriminação), chegando até a confiná-lo a espaços físicos, com limites bem definidos (segregação). (PEREIRA, 2001, p. 174)

Portanto, o racismo pode ocorrer por meio do preconceito quando se tem opiniões e atitudes desfavoráveis ao outro. E discriminação quando essas opiniões são verbalizadas, e materializadas em forma de segregação racial, ou seja, ações que tendem a segregar o “diferente”, limitando seu espaço para que esse não relacione àqueles que são considerados o padrão.

Pereira (2001) destaca que mesmo com todo o histórico de racismo que o Brasil possui há no país a noção de democracia racial que nega a existência desse preconceito. Diante disso, entendemos que negar uma problemática significa não buscar mudanças; pois, não se tenta solucionar um problema que supostamente não existe. Sobre o racismo no Brasil o autor destaca o seguinte:

[...] o racismo é difuso e não explicitado; ora se manifesta de uma forma, ora de outra; quase sempre obedece a um código moral que, decalcado em subterfúgios, procura negar a existência do próprio racismo, embora haja também setores sociais preocupados em desnudar o avesso desse código que insiste em esconder a desigualdade debaixo da diversidade. (PEREIRA, 2001, p. 173)

Pereira (2001) traz importantes contribuições, pois destaca que a noção de democracia racial é utilizada para maquiagem as desigualdades em uma tentativa de também desqualificar os movimentos sociais que lutam pela causa. Ressaltamos que esse sentimento de omissão do racismo parte na maioria das vezes de grupos constituídos por pessoas brancas que possuem certos privilégios na sociedade, as quais não possuem interesse em mudar um sistema que as favorecem tanto.

Nas escolas o racismo também tende a ser negado o que evidencia uma lacuna no que diz respeito a políticas educacionais que buscam promover discussões sobre esse conjunto de ideologias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre povos e etnias. Bernardo e Maciel (2015) destacam que a escola é composta essencialmente por diferenças, no entanto, o racismo institucional ainda se faz presente na maioria das instituições de ensino. Os autores afirmam que:

A escola se caracteriza como um espaço aglutinador de diferentes universos sociais, étnico- raciais e culturais. Porém, essa diversidade implica desigualdade: brancos de um lado, negros de outro. Assim, o seu papel está demarcado no posicionamento entre a manutenção e a institucionalização do racismo ou no seu enfrentamento. (BERNARDO; MACIEL, 2015, p. 197)

Os autores também destacam que a maioria dos casos de racismo na escola são categorizados como bullying. Tal ação, resulta no não enfrentamento dessa problemática no ambiente escolar; pois, “quando acionamos o bullying parece que mascaramos as causas mais profundas e nos atemos à superficialidade do problema: popular versus não popular; bonito versus feio; forte versus fraco” (BERNARDO; MACIEL, 2015, p. 199).

Diante disso, salientamos a importância de uma maior atenção do corpo escolar para garantir que o racismo não seja naturalizado nas instituições de ensino, o que também nos leva a outro panorama a necessidade de as instituições formativas reconhecerem as dimensões políticas e sociais da educação, tendo em vista uma boa formação docente. Para que eventuais atos racistas nas escolas sejam reconhecidos e combatidos pelo/a professor(a) e gestão.

2. Pedagogia Decolonial

O colonialismo se caracteriza como um sistema político de dominação e exploração de uma nação sobre outra. Em que, “o colonizador destrói o imaginário do

outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário” (Oliveira; Candau 2010). Diante disso, todos os valores culturais e sociais dos colonizados são confrontados, esse processo de apropriação territorial representa uma violência epistêmica responsável por marcar para sempre a história de um povo.

Tendo em vista, que a maior parte do desenvolvimento colonial ocorreu por meio de colonizadores europeus, esse processo acabou por resultar na imposição da cultura europeia entre diversas regiões no mundo, principalmente em países da América Latina. Sob essa perspectiva, a colonialidade representa um padrão de poder que se mantém mesmo após o fim de uma colonização. Almeida e Silva (2015) destacam:

[...] o Colonialismo teve um fim com as independências dos países colonizados, enquanto que a Colonialidade seria a lógica e o legado colonial, herdados do colonialismo, que penetrou nas estruturas e instituições e também nas mentalidades, imaginários, subjetividades e epistemologias, e até hoje dão forma e conteúdo às sociedades atuais. (ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 47).

Ao analisarmos a construção da história do Brasil observa-se, que seus territórios foram colonizados e dizimados, passando por um profundo processo de aculturação. Então, propagar a falsa ideia de que os portugueses descobriram as terras brasileiras, simboliza uma violência étnica contra os povos indígenas, significa entender a história sob uma ótica eurocêntrica, uma lógica colonialista de dominação.

Nesse sentido, “a relação estabelecida pela ferida colonial coloca em desvantagem o sujeito colonizado devido ao privilégio epistêmico auto-outorgado aos europeus por meio da normalização do que é referência do saber” (FERREIRA, 2018, p. 102). Tal conjuntura, evidencia uma grande problemática a ser superada, o racismo epistêmico, que tende a negar outras formas de produções artísticas, científicas e culturais que não sejam europeias ou provindas da elite.

Dentre as diversas causas do racismo está a ideologia do embranquecimento ou branqueamento racial, processo pelo qual a sociedade tenta se encaixar em um padrão eurocêntrico, em que os indivíduos passam a rejeitar suas características físicas, negando sua etnia, cultura e sua ancestralidade. Bernardo e Maciel destacam que:

No século XIX emprestava-se das teorias racialistas europeias os seus elementos centrais para a formação do pensamento racista brasileiro. Essas referências, contudo, se consubstanciaram com as particularidades raciais e políticas do país, levando à formulação da

ideia de "embranquecimento". (BERNARDO; MACIEL, 2015, p. 195)

Dessa forma, durante esse período o Brasil adotou a ideia de embranquecimento, esse processo resultou na supervalorização da cultura branca, tendo-a como padrão. Apesar dessa ideia ter sido implementada durante o século XIX, tais concepções ainda estão presentes nos dias hodiernos. Visto que, desde muito cedo meninas e meninos são incentivados a alisarem seus cabelos, pois o imaginário de cabelo bonito imposto na sociedade é o “liso perfeito”, as maquiagens são feitas com o intuito de afinar o rosto, porque criou-se a concepção de que pessoas bonitas possuem traços finos típico europeu.

A decolonialidade, por sua vez “representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber” (OLIVEIRA E CANDAU, 2010, p. 24). Surge como um movimento que se objetiva acabar com os sistemas que são frutos do colonialismo, visibilizando as lutas dos movimentos sociais que objetivam o reconhecimento das diferenças e dos saberes dos subalternizados e excluídos.

Diante da conjectura exposta, a pedagogia decolonial emerge como uma alternativa para combater o racismo epistêmico, uma vez que aspira um outro olhar para as culturas, conhecimentos e saberes que são inferiorizados por causa da hegemonia da cultura europeia. Se caracteriza fundamentalmente como a “construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão do saber, que concebe a pedagogia como política cultural.” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 28).

Logo, a pedagogia decolonial tem como objetivo descolonizar os conhecimentos, saberes e poderes, proporcionando um novo modo de apresentar as histórias das minorias, valorizando as diferentes culturas descentralizando a cultura europeia. Portanto, se constitui como um meio para se conquistar uma transformação social e política, pois, obstina-se a decolonizar mentes por meio de práticas educativas que levem os sujeitos a conhecerem suas culturas e estabelecerem relação de pertencimento.

3. Educação Antirracista

Em uma sociedade que nega o racismo e que reproduz apenas a cultura europeia, invisibilizando as culturas que foram subalternizadas. Se faz necessário adotar uma educação antirracista que consiste em reconstruir a visão sobre a negritude. Guimarães (1995) traz a concepção de educação antirracista como:

[...] reconstrução da negritude a partir da rica herança africana — a cultura afro-brasileira, do candomblé, da capoeira, dos afoxés etc.—, mas significa também se apropriar do legado cultural e político do "Atlântico negro" — isto é, o Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos, a renascença cultural caribenha a luta contra o apartheid na África Do Sul etc. (GUIMARÃES, 1995, p. 43)

Guimarães (1995) ressalta que no Brasil os negros enfrentam bastante desafios para mostrar para a sociedade como o racismo é sistemático e está estruturado nos detalhes do cotidiano.

O desafio mais crítico para aqueles que lutam contra o racismo no Brasil está juntamente em convencer a opinião pública do caráter sistemático e não-causal dessas desigualdades; mostrar a sua reprodução cotidiana através de empresas públicas e privadas, através de instituições da ordem pública (como a polícia e os sistemas judiciário e correccional); através das instituições educacionais e de saúde pública. (GUIMARÃES, 1995, p. 43)

Dessa forma, compreendemos que tais desafios podem ser superados por meio da educação. O primeiro passo seria apresentar as contribuições dos povos africanos para a construção do Brasil, através de uma abordagem ampla da cultura afro-brasileira para que os alunos e alunas negras desenvolvam o sentimento de pertença e tenham orgulho de suas origens e que os demais alunos conheçam as contribuições e as riquezas da cultura afro-brasileira. O inciso 2º da Resolução nº1 de 17 de junho de 2004 diz o seguinte:

§ 2º- O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas. (BRASIL, 2004, p. 3)

Abordar essas contribuições colaboram para que os alunos e alunas tenham suas identidades valorizadas, conheçam suas raízes e não tenham apenas a lembrança dos povos escravizados. Já que no cotidiano escolar é possível encontrarmos representações dos negros em posições inferiores aos brancos e outras vinculadas à escravidão. Essas representações são internalizadas pelas crianças e jovens, sendo responsáveis por

diminuir a autoestima dos/as alunos(as) e desmotivando-os nos estudos. Sobre as representações dos negros nos materiais didáticos Lima (2005) destaca que:

Geralmente, quando personagens negros entram nas histórias aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade negra passou. Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. (LIMA, 2005, p. 103)

Segundo Rio Grande do Sul (2020) há diferentes palavras racistas em nosso vocabulário que as pessoas reproduzem por falta de conhecimento ou por realmente saber seus significados, por exemplo, o termo “cabelo ruim” é usado para depreciar a imagem de pessoas que possuem cabelos crespos, o indivíduo que profere tais palavras geralmente compreende o que significa. Conquanto, existem palavras como “denegrir” que quer dizer “tornar negro” ou “escravo” termo usado para trazer a imagem dos africanos como passivos e sem subjetividade, que a maioria dos brasileiros utilizam por falta de conhecimento.

Diante disso torna-se imprescindível o uso de uma pedagogia que desconstrua tais representações. Uma possível alternativa é a promoção de exercícios de valorização das identidades com o objetivo formar indivíduos orgulhosos do seu pertencimento étnico. Dessa forma, é importante que os/as professores(as) busquem empoderar seus alunos(as) por meio de representações positivas.

Trabalhar com materiais que tragam uma melhor representação dos negros, demonstrando as diversas possibilidades de profissões fazem com que as crianças e jovens desenvolvam autoestima e desconstruam os preconceitos internalizados. Junto ao ensino da cultura afro-brasileira é possível trabalhar a desconstrução dos estereótipos na escola, desse modo, se promove uma educação antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Retomando a pergunta que deu origem ao nosso exercício de pesquisa: **De que forma a pedagogia decolonial contribui para a construção de uma educação antirracista nas escolas?** Temos a dizer o seguinte com relação ao objetivo I - Descrever os impactos causados pelo racismo no ambiente escolar. Que é possível

notarmos o racismo nas escolas a partir de currículos e projetos políticos pedagógicos (PPPs) responsáveis por “escamotear, invisibilizar, omitir ou desqualificar as contribuições culturais, sociais e biológicas de povos que ajudaram a construir a nação, como ocorre com os índios e os negros” (PEREIRA, 2001, p. 175). Tal conjuntura, acaba por impactar negativamente no desenvolvimento escolar dos/as alunos(as) tanto negros quanto brancos; pois, impossibilitam que esses possuam uma ampla visão do mundo. Conquanto, essas implicações são ainda mais prejudiciais na vida das crianças e jovens negros, por os desmotivarem com representações inferiorizadas dos negros. Sendo preciso que ações antirracistas sejam adotadas no ambiente escolar.

Com relação ao objetivo II - Identificar os principais objetivos da pedagogia decolonial. Observamos a necessidade de que sejam implementados nas escolas saberes outros para a plena formação dos indivíduos. Sendo necessário repensarmos o modo de representação dos negros e dos indígenas nos materiais didáticos e na sociedade para desconstruir os estereótipos. Diante disso, identificamos que a pedagogia decolonial sugere a noção de interculturalidade como um projeto político para que os povos subalternizados tenham voz e vez, e que seus conhecimentos/saberes sejam reconhecidos nos ambientes formais.

Sobre o objetivo III - Apontar os desafios para a construção de uma educação antirracista nas escolas. Vimos que o racismo está organizado na sociedade de forma estrutural, portanto, se faz presente nos diversos meios sociais e até mesmo nos discursos que nos cercam. Dessa forma, podemos encontrar escolas utilizando materiais didáticos com conteúdos responsáveis por perpetuar o racismo, preconceito e discriminação entre os próprios alunos e alunas. Assim como, questões mais implícitas como é o caso do uso de expressões racistas como “cabelo ruim”, “denegrir”, “escravo” entre outros. Portanto, os desafios para a implementação de uma educação antirracista nas escolas, é justamente desconstruir essas problemáticas supracitadas.

Diante disso, a resposta a nossa pergunta é que a pedagogia decolonial contribui para a promoção de uma educação antirracista na medida que desenvolve práticas educativas que exploram conhecimentos outros e valoriza a cultura de indivíduos que foram/são subalternizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi estudado sobre o racismo no ambiente escolar, pedagogia decolonial e educação antirracista, foi possível constatar como o racismo tende a ser negado a partir de uma falsa noção de democracia racial o que acaba prejudicando o seu enfrentamento. As práticas pedagógicas decoloniais, por sua vez promovem a desconstrução de estereótipos, descolonizando o conteúdo escolar e consequentemente o imaginário dos indivíduos que estão submetidos ao padrão de poder colonial.

Portanto, é possível construirmos uma educação antirracista nas escolas por meio da desconstrução de discursos hegemônicos e expressões racistas que utilizamos no cotidiano. Visto que, a desconstrução de tais ideais pode transformar o modo como os alunos e alunas atuam na escola e sociedade. A educação antirracista propõe que a cultura afro-brasileira seja ensinada de modo amplo, e que seja modificada a visão negativa de negritude.

É necessário assim sair da caverna descrita por Platão, para que possamos conhecer para além da história até aqui pautada intencionalmente numa cultura eurocêntrica, e a partir disso vislumbrar toda a importância e representatividade da cultura africana e indígena para a história da humanidade. Ou seja, enxergar mais que as representações hegemônicas refletidas nos pilares preconceituosos que sustentam uma sociedade que ainda insiste em negar a diversidade, história e importância de todo um povo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Eliene A.; SILVA, Janssen F. **Abya Yala Como Território Epistêmico: Pensamento Decolonial Como Perspectiva Teórica**. Revista Intertérios, v. 1, n.1, Caruaru 2015
- BERNARDO, Teresinha; MACIEL, Regimeire Oliveira. **Racismo e Educação: um conflito constante**. Contemporânea, v.5, n.1, p. 191-205, jan.- jun., 2015
- BRYM, Robert J. et al. Raça e Etnicidade, **Definindo Raça e Etnicidade** in: BRYM, Robert J. et al. Sociologia: sua bússola para um Novo Mundo, 1ª edição brasileira, São Paulo, Cengage Learning, 2008, cap. 7, p. 212-220
- DESLANDES, S.F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Vozes, Petrópolis, RJ, 2007

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, Brasília: MEC, 2004

FERREIRA, Michele Guerreiro. As pegadas dos que caminham juntos nunca se apagam: enfrentamento do racismo e desafios para a construção de uma educação antirracista no Brasil. Realis, v.8, n.01, jan - jun. 2018

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. Editora Atlas, São Paulo, 2002

GUIMARÃES, Antonio S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Novos Estudos, CEBRAP n.45, p.26-44, novembro de 1995

LIMA, Heloísa P. **Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil**. In: MUNANGA, Kabengele (org.) Superando o racismo na escola. 2ª edição revisada, Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 21-37

OLIVEIRA, Luiz F.; CANDAU, Vera M. F. **Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil**. Educação em Revista, v.26- n.01- Belo Horizonte, 2010

PEREIRA, João Baptista Borges. **Diversidade, racismo e educação**. Revista Usp, n. 50, p.169-177, junho/agosto, São Paulo, 2001

Rio Grande do Sul. **Cartilha palavras racistas**. Vamos pensar nosso vocabulário? Racismo Sutil. Paratodos, Programa SESC E SENAC de diversidade, 2020